

A locução esportiva na TV, o infotainment e o uso dos bordões: os casos de Silvio Luiz e Rômulo Mendonça

Sports Narrations on TV, the Infotainment Concept, and the Use of
Catchphrases: The Cases of Silvio Luiz and Rômulo Mendonça

Renata de Paula dos Santos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutoranda em Comunicação, Unesp
renata.p.santos@unesp.br

Zeca Marques

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP

RESUMO: As narrações esportivas televisivas no Brasil caracterizam-se por aproveitar diversas influências do rádio. Este artigo analisa o trabalho de Silvio Luiz e Rômulo Mendonça, narradores esportivos que começaram no rádio e que chegaram à TV e que se notabilizaram pelo uso de bordões para descrever o que acontece em campo e em quadra. Por meio de uma pesquisa exploratória, de revisão bibliográfica, nosso objetivo é analisar como estes dois narradores recorrem ao humor e às referências externas ao campo do futebol para descrever ao público os detalhes da partida; para isso recorreremos ao conceito de infotainment. Outros referenciais teóricos com que trabalhamos incluem os gêneros jornalísticos, a cobertura esportiva na televisão e o próprio infotainment.

PALAVRAS-CHAVE: Narração esportiva; Gêneros jornalísticos; Infotainment; Silvio Luiz; Rômulo Mendonça.

ABSTRACT: Television sports narrations in Brazil are characterized by taking advantage of various influences from the radio. This article analyzes the work of Silvio Luiz and Rômulo Mendonça, sports narrators who started on the radio and arrived on TV and who were notable for the use of catchphrases to describe what happens on the field and on the court. Through exploratory research, bibliographic review, our goal is analyzing how these two narrators resort to humor and to external references to the soccer field to describe the details of the match to the public, for that we resort to the concept of infotainment. Other theoretical references we work with include journalistic genres, sports coverage on television and infotainment itself.

KEYWORDS: Sports Narration; Journalistic Genres; Infotainment; Silvio Luiz; Rômulo Mendonça.

Nas últimas duas décadas, a cobertura do esporte pela televisão brasileira tem suscitado o debate em torno da oposição entre jornalismo x entretenimento, ou, ainda, em torno do conceito do infoentretenimento (ou simplesmente infotenimento): trata-se de formatos que adotam um tom menos sisudo nos debates e na apresentação dos temas, com a valorização das vitórias, a ironia com os adversários, a apresentação do lado ‘humano’ dos jogadores etc. Tal estratégia pode representar uma saída para não se entrar em conflitos tão expressivos assim, mas ao mesmo tempo para cativar as audiências. Não é exagero é destacar que, por vezes, este tom mais informal transforma a transmissão esportiva ou os programas esportivos em uma grande discussão de bar, sem argumentos tão consolidados assim.

O infotenimento, por definição, é híbrido e tem impactado o modo de fazer jornalismo no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Os anos de 1990, com a formação dos grandes conglomerados de mídia, inauguram uma nova forma de fazer televisão, onde seja possível divertir, informar e lucrar simultaneamente. O neologismo parece estranho, mas é bem conhecido por quem acompanha o esporte na telinha da TV. O quadro dos Cavalinhos do Fantástico apresentado por Tadeu Schmidt na TV Globo, as piadas do ex-jogador Denílson no Jogo Aberto da Band ou mesmo as narrações de Sílvio Luiz e Rômulo Mendonça são exemplos de um tratamento menos sério para o esporte. As competições de skate e surfe nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020¹ narradas por Everaldo Marques, ou simplesmente Evê, popularizaram para o telespectador da TV Globo a expressão “Você é ridículo”. O bordão já era utilizado por ele anteriormente nos canais a cabo ESPN e tem um significado convencionalizado que se opõe integralmente ao literal: o comunicador enaltece as qualidades do competidor em questão ao valorizar os seus méritos, afastando-se da acepção mais conhecida do termo “ridículo” relacionada a alguém que provoca riso ou escárnio.

A partir de um processo de revisão bibliográfica, com o destaque para os conceitos de gêneros jornalísticos, entretenimento, infotenimento, telejornalismo e narrações esportivas, o objetivo geral desta pesquisa exploratória foi responder ao seguinte questionamento: “como Sílvio Luiz e Rômulo Mendonça, em suas narrações esportivas, utilizam e valorizam elementos do infotenimento, como o uso do humor

¹ Em virtude da pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, a competição olímpica foi realizada em 2021.

em meio à narração de uma competição esportiva?” O universo esportivo considerado neste texto é o de alto rendimento, aquele que é apresentado pelos profissionais de imprensa com o “sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio”.² Por limitações de espaço e do escopo deste trabalho, não atentaremos aqui a questões relacionadas ao timbre e à tonalidade de voz destes dois profissionais.

Sílvio Luiz é um veterano no esporte televisivo, com mais de seis décadas de profissão. Já Rômulo Mendonça, mais jovem, ganhou notoriedade nas transmissões dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. A escolha por estes dois profissionais considerou exatamente estes aspectos: o início da carreira de um e a consagração profissional do outro, depois de ter narrado nove Copas do Mundo. A especialidade de Sílvio Luiz é o futebol. As metáforas e os bordões marcam o estilo do veterano ao narrar o que acontece dentro das quatro linhas, território que ele conhece bem, pois já foi árbitro. O profissional é reconhecido por ter integrado a importante equipe esportiva da TV Record, no final dos anos de 1970, comandada por Raul Tabajara, mas o auge veio na década seguinte, na TV Bandeirantes (atual Band), ao lado de Luciano do Valle. Sílvio Luiz, dono de uma voz inconfundível, começou como repórter de campo e depois se tornou narrador. Entre os seus bordões mais populares, estão:

- “Balançou o capim no fundo do gol” – para indicar a alteração no placar;
- “Pelas barbas do profeta” ou “o que é que eu vou dizer lá em casa?”, diante de jogadas improváveis;
- “Agora é fechar o caixão e beijar a viúva”, para indicar que a vitória está consolidada.

Rômulo Mendonça é o rei da internet. Esta definição, até mesmo excessiva, parece apropriada para definir o jornalista que em 2019 foi considerado o melhor narrador esportivo, ganhando o Prêmio Comunique-se, considerado o Oscar da TV brasileira. Em 2011, o mineiro foi contratado pelos canais ESPN Brasil. Por mais que tenha começado no rádio, o lugar de Rômulo é mesmo a televisão, mas é na internet que as narrações dele repercutem e tornam-se notícia. Em 2016, Rômulo Mendonça

² TUBINO; GARRIDO; TUBINO. *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte*, p. 719.

fez sucesso ao narrar o vôlei, mas a sua atuação mais frequente é em partidas das ligas norte-americanas de basquete (NBA) e futebol americano (NFL). Seus bordões que mais repercutem na internet (e que, inclusive, estão disponíveis para download) são:

- “Quem é o seu Deus?” ou “Ele está possuído pelo ritmo ragatanga” – para assinalar quando um atleta faz uma jogada considerada fantástica;
- “Aqui não, querida”, “Aqui não, lambisgoia” ou “Aqui não, neném” – indicando que um jogador foi desarmado;
- “LeBrão, ladrão, roubou meu coração” – após grande jogada do jogador de basquete LeBron James.

A breve discussão se efetiva a partir de contribuições de José Marques de Melo, Manuel Carlos Chaparro e José Carlos Aronchi de Souza no debate quanto aos gêneros jornalísticos. A problematização sobre o entretenimento e o infotainment, mais precisamente no universo esportivo, foi possível a partir de Fábria Angélica Dejavitte, Itânia Maria Mota Gomes, Ana Carolina Temer e Manuel Tubino. As considerações encontradas aqui são preliminares, mas avaliam que o entretenimento é uma busca constante da sociedade atual, bem como das empresas de comunicação, e que as “notícias *lights*” e as abordagens mais leves terão território fértil por muito tempo, principalmente quando o assunto é esporte.

NOVA LINGUAGEM, NOVAS FORMAS, NOVOS MEIOS

Com a popularização da internet, as empresas de comunicação têm procurado novas formas de impactar o público e de ampliar a audiência e o faturamento. Quando o assunto é esporte, as redes não estão mais restritas às transmissões das principais competições ou da cobertura jornalística do dia a dia dos times mais populares, mas procuram envolver o torcedor a partir de outros canais. Para Fábria Dejavitte (2006) é de fundamental importância que a mídia considere a opinião do público quando o assunto é conteúdo informativo.

O receptor (com os seus novos princípios de receber a informação) exige que a notícia na atualidade – independentemente do meio em que estiver

inserida – informe, distraia e também lhe traga uma formação sobre o assunto publicado. Este tipo de conteúdo deve ser denominado notícias *lights*. Se as informações jornalísticas não tiverem essas características, não vão chamar a atenção da audiência. Por isso, mais do que um mero produto, tornaram-se um importante serviço.³

A busca por um conteúdo mais leve e menos formal é uma realidade na prática jornalística e passou a ser estudada na academia no final do século XX. Atualmente, os âncoras caminham pelo estúdio, desprenderam-se da bancada e renderam-se à participação do público a partir das mídias digitais. Já os programas esportivos, além destas ‘novas’ características, consideram, frequentemente, a conduta dos jogadores nas redes sociais, as relações que estabelecem com a torcida, bem como aspectos pessoais, considerando até mesmo envolvimento amorosos. Se esta análise se voltar para o conteúdo dos formatos *hard news*, também apontará uma mudança no posicionamento, a presença de assuntos mais leves entre as últimas atualizações políticas e econômicas. Os telejornais propõem uma quebra na seriedade ou a segmentação para outros meios, como a sugestão de conteúdos exclusivos na internet, entre eles podcasts. Esta procura por outra opção de conteúdo, que informe e divirta, “não é necessariamente uma tendência, mas se entende que ele pode ratificar um exercício corrente na práxis jornalística atual”.⁴

Por mais que este fenômeno descrito pelo neologismo infotenimento (*infotainment*, em língua inglesa) tenha começado a ganhar destaque entre 1980 e 1990, no Brasil ele parece estar ligado à transmissão esportiva desde muito antes. A história do rádio esportivo nacional é composta por importantes nomes, como Fiori Gigliotti, que na década de 1950, disposto a enfrentar a concorrência imposta pela televisão, que se destacava como um novo meio de comunicação – permeado pela imagem, como a principal vantagem –, optou por uma narração radiofônica que unia a informação e a emoção. Enquanto Gigliotti se destacava por um tom mais poético, Sílvio Luiz e Osmar Santos alcançaram notoriedade entre o público, anos mais tarde, pelo humor, com uso de bordões. “Pelo amor dos meus filhinhos” e “ripa na chulipa

³ DEJAVITE. *INFOtenimento: informação + entretenimento no jornalismo*, p. 68.

⁴ DEJAVITE. Mais do que economia e negócios: o jornalismo de infotenimento no jornal *Gazeta Mercantil*, p. 64.

e pimba na gorduchinha” são expressões que marcaram gerações de brasileiros apaixonados pelo esporte, principalmente pelo futebol.

Historicamente, o conteúdo ligado ao esporte caracteriza-se por uma linguagem mais informal se comparada à empregada em matérias de política e economia, por exemplo. Na década de 1970, a Zebrinha da Sorte tornou-se uma das principais atrações do *Fantástico* da TV Globo na apresentação dos resultados da Loteria Esportiva. A animação, criada por Mauro Borja Lopes, o Borjalo, “anunciava” os resultados das partidas do final de semana, a partir da dublagem de Maralisi. Segundo o criador, o personagem surgiu depois de conversas com o técnico de futebol Gentil Cardoso. Em uma entrevista concedida ao projeto *Memória Globo*, Borjalo explica que Cardoso usava a expressão “deu zebra” quando um time de menor expressão venciam uma equipe considerada tradicional.

Sem a pretensão de estabelecer uma comparação entre os dois quadros, atualmente, a rodada esportiva é apresentada, no mesmo *Fantástico*, pelo jornalista Tadeu Schmidt acompanhado por cavalinhos que representam os times da Série A. Em 2019, houve um protagonismo do personagem do Flamengo, com a mascote ganhando destaque em vários momentos. No mês de fevereiro, com a morte de dez jogadores da categoria de base do clube, após um incêndio no centro de treinamento do Ninho do Urubu, todos os demais cavalinhos usaram o escudo rubro-negro em solidariedade ao time carioca. Ao longo do ano, com a liderança no campeonato nacional e a classificação para a final da Copa Libertadores da América, o cavalinho foi assumindo mais espaço nas edições dominicais. Em 24 de novembro de 2019, a mascote participou ativamente da maior parte dos quase 17 minutos daquela edição que destacaram os resultados da rodada. Naquele final de semana, a equipe rubro-negra conquistou o bicampeonato da Libertadores no sábado e o título brasileiro no domingo, mesmo sem entrar em campo. O cavalinho, inclusive, saiu dos estúdios e participou de matérias nas ruas durante a comemoração da torcida. Jornalismo de infotainment.

Mais do que uma nova linguagem, o público está procurando outras plataformas e novas possibilidades de interagir. Segundo o estudo *Sports Rights Forecast to 2025* desenvolvido pela Rethink TV, as plataformas de *streaming* devem se consolidar, em curto prazo, como um novo meio atraente para a ampliação da receita dos clubes. Para os mais otimistas, estes serviços já são classificados como o futuro das

transmissões esportivas. O levantamento aponta que o faturamento da transmissão global deve alcançar a cifra de US\$ 85 bilhões até o final de 2024. Atualmente, a arrecadação está em US\$ 48,6 bilhões, o que representa um crescimento de 75%.

Ainda segundo a Rethink TV, o futebol deve se estabelecer como a principal modalidade nas plataformas de *streaming*. A projeção de receita deve passar de US\$ 12,8 bilhões para US\$ 31,9 bilhões. No Brasil, por exemplo, o público já tem à disposição as plataformas *DAZN* (com direito de transmissão de lutas, eventos de tênis e jogos dos campeonatos italiano, francês e inglês, além da Copa Sul-Americana); *PREMIERE F.C.* (o maior canal de pay-per-view do país também conta uma plataforma de *streaming*; os direitos de transmissão incluem as séries A e B do Campeonato Brasileiro e os estaduais); o UOL firmou uma parceria com os canais Esporte Interativo e ESPN; a partir do UOL Esportes, os assinantes têm acesso a vários torneios, como Premier League, La Liga, Liga MX, Ascenso MX, Champions League, Nations League, campeonatos holandês, português, belga, segunda divisão do inglês, Copa del Rey e série A do Brasileirão) e Fox Play (La Liga, Copa Libertadores, Euroliga, Primera División Argentina e Bundesliga).

Quando o assunto é participação do público, a Rede Globo, por exemplo, detentora dos direitos de transmissão dos principais torneios nacionais de futebol e das partidas amistosas e oficiais da Seleção Brasileira, conta com estratégias que pretendem possibilitar esta transição do público entre a televisão e a internet. Após as transmissões esportivas televisivas, o público pode eleger o “Craque do jogo”, além de acompanhar uma segunda etapa da transmissão com conteúdo exclusivo, o pós-jogo, com a participação de narradores, comentaristas e repórteres no site do *Globo Esporte*.

Outro recurso da marca que estimula a participação do público é o Cartola FC. O *fantasy game* de futebol permite que o jogador administre o seu próprio time. Os critérios para a soma ou a perda de pontos levam em consideração o desempenho dos atletas nas rodadas do Brasileirão. No início de cada campeonato, são considerados o histórico dos técnicos e o dos jogadores. O Cartola FC deixou de ser simplesmente um game e passou a ser responder por um amplo conteúdo na internet e também na televisão.

A QUAL GÊNERO PERTENCE O JORNALISMO SOBRE ESPORTE?

Considera-se que a busca por novas possibilidades comunicativas para a transmissão esportiva seja uma necessidade das empresas e um anseio do público. Mas algo pouco discutido nos fóruns que debatem o jornalismo sobre esporte tem a ver com a qual gênero pertenceria as transmissões esportivas no rádio e na televisão.

Classificar gêneros jornalísticos é o maior desafio do jornalismo, como campo do conhecimento, é, sem dúvida, a configuração da sua identidade enquanto objeto científico e o alcance da autonomia jornalística que passa inevitavelmente pela sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade, ou seja, do seu discurso manifesto. Dos escritos, sons e imagens que representam e reproduzem a atualidade, tornando-se indiretamente perceptível.⁵

José Marques de Melo classifica que duas características são fundamentais para a determinação de um gênero jornalístico: a aptidão para agrupar diferentes formatos e a sua função social. Na definição proposta pelo autor, elaborada a partir de trabalhos de Luiz Beltrão, a prática jornalística divide-se em cinco gêneros: *informativo* com função de vigilância social (nota, notícia, entrevista e reportagem); *opinitivo*, que se consolida como um fórum de ideias (artigo, comentário, coluna, caricatura, carta, crônica, editorial e resenha); *interpretativo*, que assume uma função educativa (análise, enquete, cronologia, dossiê e perfil); *diversional*, que objetiva o lazer (história de interesse humano e história colorida) e *utilitário*, que auxilia o leitor na tomada de decisões cotidianas (indicador, cotação, roteiro e serviço). O autor parte dos pressupostos teóricos de Harold Lasswell, de Charles Wright e de Raymond Nixon.

Marques de Melo e Assis (2015) consideram que existe um processo de evolução dos gêneros jornalísticos, já que eles refletem o que público quer saber e o que busca quando acessa os meios de comunicação. Desta forma, a prática profissional começou a se desenvolver a partir do gênero informativo, que surgiu no século XVII; no século seguinte houve o surgimento do gênero opinativo. Os dois são apontados como hegemônicos e fundamentais para o surgimento dos demais (interpretativo,

⁵ MARQUES DE MELO. *A opinião no jornalismo brasileiro*, p. 96.

diversional e utilitário), definidos como complementares. Os autores defendem que o surgimento ou a consolidação dos gêneros jornalísticos são uma resposta às demandas da sociedade, já que o “jornalismo e sociedade passam por processos evolutivos concomitantes”.⁶

Outro autor de extrema importância na tradição brasileira é o português Manuel Carlos Chaparro, a partir da divisão em dois gêneros jornalísticos: *relato e comentário*. Esta definição toma como elemento central a teoria da linguagem, a partir de reflexões de Tzvetan Todorov e Teun A. Van Dijk. Destaca-se que a principal contribuição desta perspectiva teórica é a superação da divisão do jornalismo entre os gêneros informativo e opinativo. Em *Sotaques d’aquém e d’além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*, Chaparro pontua:

As chamadas categorias da Opinião e da Informação deixaram, pois, de ter eficácia como produtoras de critérios para a tipificação de formas discursivas, do que resultam inconsistências e contradições entre o que aflora na leitura dos jornais e que as classificações acadêmicas de gêneros propõem. Fora as razões de entendimento sobre o conceito de Opinião (há opinião em todas as decisões e em cada momento de atribuição de valor aos fatos e às coisas), a observação da práxis tornou evidente a superação do paradigma segundo o qual o jornalismo se divide e se organiza em textos opinativos e informativos. Existe clara incompatibilidade entre a rigidez do paradigma e a essencialidade da função valorativa que a cultura e a sociedade atribuem à ação jornalística.⁷

Para Chaparro (2008)⁸ o fazer jornalístico se efetiva a partir de dois processos básicos: “*relatar* a atualidade; *comentar* a atualidade. Com Opinião e Informação, Informação e Opinião” (grifos nossos). Para o autor, o discurso jornalístico se efetiva a partir de duas grandes classes de texto, o relato e o comentário, que são o resultado de formatos híbridos. Desta forma, o *gênero comentário* se estabelece a partir de duas subdivisões: as *espécies argumentativas* (artigo, carta e coluna) e as *espécies gráfico-artísticas* (caricatura e charge). O *gênero relato* também se divide em duas frentes: *espécies narrativas* (coluna, entrevista, notícia e reportagem) e *espécies práticas* (agendamentos, consultas, indicadores econômicos, orientações úteis, previsão do tempo e roteiros).

⁶ MARQUES DE MELO; ASSIS. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório, p. 50.

⁷ CHAPARRO. *Sotaques d’aquém e d’além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*, p. 166.

⁸ CHAPARRO. *Sotaques d’aquém e d’além mar*, p. 177.

As definições de Marques de Melo e Chaparro, entretanto, não contemplam especificamente o jornalismo sobre esporte ou mesmo a narração esportiva, que é o objeto de estudo deste artigo. A reflexão sobre os gêneros jornalísticos se faz necessária, já que a hipótese formulada para esta pesquisa exploratória aponta que o tom de personalidade impresso pelos narradores esportivos Sílvio Luiz (Rede TV!/Transamérica Pop) e Rômulo Mendonça (ESPN Brasil) é uma marca do infotainment. Daí a relevância da contribuição de José Carlos Aronchi de Souza (2004), que ao tratar especificamente de gêneros e formatos na televisão brasileira considera que os programas esportivos poderiam ser classificados em três vertentes: informação, entretenimento ou educação. Este é o primeiro autor aqui citado que trabalha, em sua classificação, diretamente com o objeto de estudo aqui escolhido. No que diz respeito diretamente às narrações esportivas, considerando a transmissão de eventos esportivos, Aronchi de Souza classifica-as como *entretenimento*.

Ana Carolina Temer (2012) também pontua que a narração esportiva integra o universo do *entretenimento*. A autora justifica que o jornalismo esportivo possui muita facilidade em atingir grandes massas, por isso apresenta-se de forma diferenciada e peculiar. Na visão de Temer (2012) existe, até certo ponto, uma contradição, entre o tom que é aplicado no jornalismo esportivo e aquele empregado na transmissão esportiva, em que:

Cada jogada é decisiva, cada decisão é fundamental, cada erro pode ser fatal. Ou seja, quando o assunto é o esporte, o material exibido na televisão torna-se o seu contrário: o jornalismo (cujo fundamento é a veracidade e o compromisso com a qualidade da informação) busca recursos – ou se transforma – no entretenimento, enquanto o entretenimento (cuja máxima é o lazer e a evasão) se ancora na seriedade e na linguagem formal.⁹

A visão de que o conteúdo esportivo é construído a partir do entretenimento também integra as reflexões de Manoel Tubino. De maneira recorrente, mas com destaque para a cobertura dos grandes eventos, como Copa do Mundo e Olimpíadas, há a valorização de recordes, desempenho e performance dos atletas, além da glorificação de figuras míticas:

⁹ TEMER. 'O time está dando o melhor de si': aspectos do esporte na programação da televisão brasileira, p. 301.

O jornalismo esportivo, cada vez mais, tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo.¹⁰

O narrador Rômulo Mendonça conta com bordões específicos para destacar a atuação dos jogadores da NBA, como “que homem!” (para a valorização de determinado atleta); “*jararaca*” (em destaque a uma jogada rápida e perspicaz) ou “é um selvagem porteiro do Enem” (valorizando o toco, quando um atleta impede no basquete o arremesso do time adversário). Para além disso, a rotina da cobertura esportiva se efetiva em paralelos entre o passado e o presente e a valorização dos grandes feitos. O esporte de alto rendimento é transformado em espetáculo nos meios de comunicação.

A recorrência a um discurso espetacular, mais ligado ao sensacional, curioso ou divertido, não é uma característica exclusiva da televisão, esta preferência também se efetiva no jornalismo impresso. Dejavite (2006) pontua que o público anseia pelas “notícias *lights*” e que o tom mais leve no conteúdo não representa perda na qualidade, mas as características deste momento histórico. Ary Rocco Junior e Wagner Belmonte analisaram a trajetória da *Revista Placar*, uma tradicional publicação esportiva da editora Abril. A conclusão, de uma maneira muito resumida, é que, em virtude de questões econômicas, a revista precisou adotar um tom mais espetacular em suas páginas.

O conteúdo e a qualidade da informação esportiva, características da primeira fase da revista, cedem espaço ao espetáculo, ao show e ao entretenimento, à arte editorial de não tocar nas feridas, nas mazelas e no submundo do futebol. O espetáculo, apoiado pelo consumo e pelas imagens, substitui o diálogo que deveria existir nas relações sociais. Com isso, a seleção das pautas jornalísticas passou a ser regulada pelos interesses do “leitor-cliente” e não mais pelas demandas de cidadania. Modificaram-se os critérios de noticiabilidade. A crescente concorrência entre as empresas de comunicação fez com que o jornalismo passasse a privilegiar assuntos que englobam temas pessoais de interesse do público e não mais temas de grande relevância social. O hiato entre interesse público e interesse do público parece ruir.¹¹

¹⁰ TUBINO; GARRIDO; TUBINO. *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte*, p. 719.

¹¹ ROCCO JUNIOR; BELMONTE. *Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar*, p. 14.

Mas, de fato, o que é entretenimento? Desta forma, por quais motivos, há uma resistência, um verdadeiro “mal-estar que o embaralhamento de fronteiras [entre informação e entretenimento] provoca”¹² no ambiente acadêmico?

INFOTENIMENTO: O HIBRIDISMO ENTRE GÊNEROS

O infotenimento não é propriamente uma novidade na prática jornalística, nem mesmo na academia. A classificação majoritariamente negativa leva muito em consideração a trajetória do conceito de entretenimento, que ocupa historicamente um viés negativo. Platão, Hegel, Heidegger, Gadamer, Adorno e Hannah Arendt estão entre aqueles que definem o entretenimento como uma distração. Neste sentido, o público receberia conteúdo menos relevante enquanto discussões de mais importância seriam deixadas de lado. Em Adorno e Horkheimer, a partir do conceito de Indústria Cultural e de um olhar negativo para os meios de comunicação de massa, o entretenimento pode ser concebido como uma estratégia para evitar a reflexão crítica do público. Em Itânia Maria Mota Gomes (2008), o entretenimento é apresentado como um valor das sociedades ocidentais contemporânea. Para esta análise, é interesse adotar a perspectiva de que “entretenimento é um valor das sociedades ocidentais contemporâneas que se organiza como indústria e se traduz por um conjunto de estratégias para atrair a atenção dos seus consumidores”.¹³

Gomes (2008) avança nesta discussão definindo a televisão como um meio de comunicação alicerçado na lógica do entretenimento. Já Eugênio Bucci é enfático ao determinar que o avanço do infotenimento pode ser explicado a partir da formação de grandes conglomerados de comunicação que passaram a produzir tanto jornalismo quanto entretenimento. Historicamente, este processo é materializado com a transmissão da Guerra do Golfo, no início dos anos 1990.

À medida que o entretenimento passou a englobar o negócio do jornalismo, a configuração do negócio se alterou. A partir dos anos 1990, grupos econômicos que antes exploravam apenas o entretenimento começaram a fundir-se com outros antes dedicados ao jornalismo. Um marco dessa tendência foi a fusão da Time (empresa jornalística) com a Warner

¹² GOMES. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico, p. 106.

¹³ GOMES. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento [...], p. 99.

(entretenimento). [...] Com isso, o velho desafio do jornalismo, o de ser independente do anunciante ou do governo, também mudou de lugar [...]. Agora, no entanto, é preciso que a atividade dos jornalistas de um conglomerado da mídia não seja constringida pela pressão, velada ou explícita, dos braços desse mesmo conglomerado que se dedicam ao entretenimento. Esse é o desafio para os que querem preservar a reportagem de tudo o que seja estranho ao direito à informação.¹⁴

Gomes (2008) e Dejavite (2006) classificam a cobertura esportiva realizada pela imprensa como infotenimento. As autoras também debatem que a valorização do diversional é uma característica deste momento histórico. Em uma leitura bem resumida, o infotenimento se apresenta ao público a partir de textos mais leves e atraentes; com um maior grau de pessoalidade, a partir do uso de advérbios e adjetivos; com destaque a aspectos curiosos e à dramatização de conflitos. No século XXI, não é exagero afirmar que o entretenimento se tornou um valor importante na sociedade. Para Dejavite (2006):

[...] torna-se inconcebível uma visão preconceituosa e restrita sobre tal assunto. A diversão deve ser tomada como algo positivo, pois ora serve como ruptura com a vida real (por meio da evasão, da distração e do escapismo), ora como algo que promove o indivíduo, fazendo com que ele caminhe seguramente em seu processo de autoformação: informando-se e, ao mesmo tempo, divertindo-se. Neste sentido, o entretenimento se apresenta nos dias atuais como um fator diferenciado da pauta jornalística, especialmente para o jornal diário impresso, na medida em que este meio busca interagir e satisfazer as necessidades e interesses do leitor contemporâneo.¹⁵

O infotenimento é uma prática carregada de hibridismos, já que se estabelece na intersecção entre gêneros. Este formato entrega ao público, simultaneamente, informação, entretenimento e prestação de serviço. Este neologismo divide opiniões, “já que há uma tradição bem consolidada em determinar que as notícias são informativas, enquanto o divertimento não o é”.¹⁶ Para José Carlos Marques,¹⁷ por uma influência do rádio, que iniciou as transmissões esportivas no início da década de 1930, o jornalismo esportivo brasileiro, independentemente da plataforma, destaca-

¹⁴ BUCCI. *Sobre ética e imprensa*, p. 118-9.

¹⁵ DEJAVITE. *INFOtenimento*, p. 55.

¹⁶ DEJAVITE. *INFOtenimento*, p. 72.

¹⁷ MARQUES. Os desafios da TV brasileira na cobertura esportiva: informação versus entretenimento, p. 217.

se por um tom mais exagerado. “Haja coração” e “É teste pra cardíaco”, na voz de Galvão Bueno; “Tá lá um corpo estendido no chão”, com Januário de Oliveira; “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”, de Fiori Gigliotti; “Que golaço! Exclamação!”, de Roberto Avallone; “Pelo amor dos meus filhinhos, o que é que eu vou dizer lá em casa?” ou “Pode fechar o caixão e beijar a viúva”, com Silvio Luiz e, mais recentemente, “Com licença para matar” e “Um déspota ditando suas próprias leis”, com Rômulo Mendonça, confirmam isso.

PASSADO E PRESENTE

Silvio Luiz é um narrador que faz parte da história do jornalismo esportivo brasileiro. Reconhecido por integrar a equipe da TV Record, no final dos anos 1970, comandada por Raul Tabajara, enquanto narrador, e Paulo Planet Buarque na função de comentarista. Ele começou como repórter de campo e depois se tornou narrador. Com uma trajetória profissional que, até a conclusão do presente artigo, passava dos 65 anos e nove Copas do Mundo no currículo, Silvio Luiz conseguiu fazer a transição do rádio para a televisão. Ele alcançou sucesso enquanto narrador em uma realidade menos “diversional” que esta. Por mais que ainda permaneça na ativa, ele atua em uma emissora que não se destaca na transmissão esportiva e também apresenta certa desatualização em alguns momentos da transmissão. O veterano narrador alcançou o auge profissional na década de 1980 quando foi contratado pela Rede Bandeirantes, que se identificava como o canal do esporte. Silvio Luiz passou pelas principais emissoras de televisão é dono de um jeito próprio de narrar.

Sabe uma coisa que eu detesto na transmissão de televisão? Grito e óbvio! Se você tem uma imagem, eu não preciso dizer o que você está vendo. Eu não digo que eu sou um narrador de televisão, eu digo que eu sou um legendador de imagem. Então, se você perceber, eu nunca digo que ele pegou com o pé direito, eu nunca digo onde é que ele 'tá', eu nunca digo que ele subiu, eu nunca digo que ele desceu...¹⁸

Silvio Luiz é reconhecido por uma narração que exige a atenção do público. A partir de bordões e metáforas, ele não vai descrever o que está sendo transmitido

¹⁸ LUIZ *apud* FREITAS; VANDERLEI. Olho (incansável) no lance.

pela imagem. O texto construído por ele assume mais características conativas do que denotativas. Enquanto os demais narradores gritam gol, ele prefere dizer que a bola “balançou o capim no fundo do gol”. Ou em uma partida que em que há uma diferença elástica no placar ou mesmo no desempenho de uma equipe em comparação à outra, o veterano opta por sentenciar: “agora é fechar o caixão e beijar a viúva”.

Rômulo Mendonça é propriamente um integrante da cultura pop. Com um estilo que se aproxima dos memes, o narrador, que ganhou popularidade com a transmissão dos jogos de vôlei na Rio-2016 é fruto da internet. A relação dele com o público, possivelmente o mais jovem, a partir das mídias sociais digitais são perceptíveis nas transmissões da ESPN Brasil. Em 2019, o jornalista mineiro ganhou o Prêmio Comunique-se na categoria narrador esportivo. O estilo de Rômulo Mendonça, assim como o de Silvio Luiz, é marcado pelo humor, mas apresenta um grau de temporalidade maior. O narrador faz referências a fatos do cotidiano nas transmissões, bem como usa as expressões que fazem sucesso na internet e cita gêneros musicais populares, como pagode e pop. É como se o acervo humorístico do mineiro estivesse em constante atualização.

Em maio de 2018, a narração do brasileiro ganhou destaque na versão americana do Sportscenter, noticiário da ESPN, por “se render” à atuação de LeBron James. O vídeo chegou a ser legendado em inglês. A série entre Boston Celtics e Cleveland Cavaliers, pela NBA, terminou com vitória por 4 a 3 para o time de LeBron. Este foi o último ano do ala em Cleveland antes dele migrar para Los Angeles, para defender os Lakers. A série melhor de sete partidas decidiu o campeão da conferência leste e o classificado para a final da NBA. Paralelamente, nesta época o Brasil enfrentava a greve dos caminhoneiros, com grandes filas de motoristas em postos de combustíveis. A paralisação da categoria trouxe impactos significativos para a economia nacional. Para o exterior, a narração de Rômulo ganhou destaque pela declaração de amor ao jogador norte-americano, mas vale ressaltar a piada com o contexto nacional também. O lance se estabelece em uma jogada em que LeBron James faz uma cesta de três pontos. A citação abaixo apresenta o texto do narrador, que foi emitido no volume máximo, ou seja, aos gritos:

Este é o LeBron James de novo, este facínora, este vândalo... Vai para o arremesso e é fatal! É fatal! Papai LeBron! LeBron, ladrão, roubou o meu

coração! LeBron, ladrão, roubou o meu coração! LeBron James, the king! Em dois arremessos consecutivos, todos nós somos testemunhas de um jogo sete, que vem no domingo! Ô, é muita gasolina aditivada! Ele encontrou um frentista!¹⁹

Por mais que o objetivo desta pesquisa de revisão de literatura não seja estabelecer uma comparação entre os dois narradores, percebe-se em Rômulo Mendonça uma busca maior pela informação do que em Silvio Luiz. Talvez, este dado possa ser o resultado das modalidades esportivas narradas por eles. O basquete e o futebol norte-americano são modalidades acompanhadas por públicos que valorizam estatísticas, desta forma, elas são apresentadas a todo o momento. Silvio Luiz utiliza o seu repertório próprio para ‘legendar’, para utilizar um termo próprio dele, as ações do jogo, Rômulo Mendonça consegue ampliar este leque. O jornalista destacou, em uma entrevista ao UOL, que não busca simplesmente o humor: “A base de narração é informação. Tá bom, eu faço humor. No vôlei, se eu não tivesse demonstrado para quem acompanha o vôlei, e que não me conhecia, de que eu estava por dentro do que estava acontecendo, o impacto do meu humor teria uma duração mínima. A preparação de informação é fundamental até para sustentar meu próprio estilo”.²⁰ Além disso, é preciso destacar o fato de Silvio Luiz atuar na TV aberta, ao passo que Rômulo Mendonça atua num canal de TV fechado, o que também determina públicos diferentes na audiência.

A ‘QUEBRA’ DA FUNÇÃO FÁTICA DA LINGUAGEM

Rômulo Mendonça destaca o ex-narrador Osmar Santos como a sua principal inspiração profissional. Dono de uma voz inconfundível e de poderosos bordões, Osmar sofreu um grave acidente automobilístico em dezembro de 1994. O carro que ele conduzia colidiu contra um caminhão dirigido por um motorista possivelmente embriagado e que fazia uma manobra indevida num local de pouca visibilidade. Osmar Santos sofreu afundamento de crânio e ficou com sequelas na fala. O ex-narrador também poderia integrar o corpus de análise deste artigo, já que imortalizou

¹⁹ MENDONÇA. Transcrição da narração do jogo de basquete entre Boston Celtics e Cleveland Cavaliers. Temporada 2017/2018 da NBA.

²⁰ MENDONÇA *apud* UOL. Entrevista do narrador concedida ao portal de notícias.

bordões, como: “ripa na chulipa, pimba na gorduchinha” “é fogo no boné do guarda”, “animal!”, entre outros.

A linguagem é a matéria prima para a narração esportiva. No rádio, esta condição é percebida ainda mais facilmente pela ausência da imagem. Por isso, as construções narrativas assumem um tom mais emotivo, por vezes, apaixonado. Em outubro de 2017, o Londrina Esporte Clube conquistou o principal título de sua história, a Copa da Primeira Liga. O título foi decidido nos pênaltis contra o Atlético-MG. Possivelmente, a Zebrinha da Loteria Esportiva diria que “deu zebra” nesta decisão. O time do interior do Paraná ficou com a taça após empatar o jogo no tempo normal por 0 a 0 e vencer nas penalidades por 4 a 2. A disputa ocorreu no Estádio do Café, em Londrina/PR. Este exemplo se efetiva em virtude do tom emotivo que foi empregado pelo narrador Vanderlei Rodrigues, da rádio Paiquerê AM, emissora londrinense, diante do último pênalti defendido pelo goleiro alviceleste. Por mais que o profissional não diga claramente que houve a defesa, a vitória do Tubarão pode ser percebida rapidamente:

Atenção, meus amigos! Correu... César! Para a história, fazer história! Estremece o Estádio do Café, Cesar! Um monstro! Iluminado goleiro! É campeão da Copa da Primeira Liga! O meu coração, o meu coração bate forte na noite desta quarta-feira! Um peito é pouco para aguentar a emoção! Eu vejo gente se abraçando, eu vejo gente chorando! O futebol é esta paixão, capaz de unir corações! Abrace a sua namorada se você brigou com ela, se você brigou com a sua esposa, abrace ela também porque o futebol une corações e este Londrina é gigante! Gigante! Gigante! Gigante!²¹

Ainda que as narrações de Rômulo Mendonça e de Silvio Luiz sejam emotivas, elas não chegam ao exemplo acima. O contratado da ESPN Brasil é lembrado frequentemente pela torcida particular pelo ala LeBron James. Em entrevista ao UOL, ele declarou considerar o atleta o segundo maior da história, atrás apenas de Michael Jordan. Além desta valorização do próprio emissor, as narrações dos profissionais escolhidos para este artigo exigem que o público tenha um conhecimento prévio do estilo adotado por cada um deles para não evitar estranhamento e compreender plenamente a mensagem. É como se eles quebrassem a função conativa da

²¹ RODRIGUES. Transcrição da narração da final da Copa da Primeira Liga entre Atlético-MG e Londrina. Narração de Vanderlei Rodrigues, em outubro de 2017.

linguagem. Segundo Roman Jakobson, a linguagem possui seis funções. A teoria se estabelece a partir dos fatores do sistema comunicativo. De acordo com o linguista, a ênfase no fator determina a função da linguagem. Em Samira Chalhub (1999), compreende-se a existência das funções referencial (ênfase no referente), emotiva (ênfase no emissor), conativa (ênfase no receptor), fática (ênfase no canal), poética (ênfase na mensagem) e metalinguística (ênfase no código):

Numa mesma mensagem, porém, várias funções podem ocorrer, uma vez que, atualizando concretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem. A emissão, que organiza os sinais físicos em forma de mensagem, colocará ênfase em uma das funções – e as demais dialogarão em subsídio. Assim, um dos fatores prevalecerá, certamente – digamos, o código e a função que desenha a forma de mensagem compreende a metalinguística: mas essa mensagem assim qualificada como determinantemente metalinguística, porque viabiliza concretamente o uso do código, produzirá também, na cena da linguagem, a entrada, em diálogo, de outras funções e, no conjunto, teremos as funções de linguagem hierarquizadas.²²

Por exemplo, na narração de 2018, quando Rômulo Mendonça ganhou destaque na televisão norte-americana, ele não diz ao espectador que LeBron James marcou uma cesta de três pontos. Para facilitar a compreensão deste argumento, segue novamente a transcrição do texto do jornalista:

Este é o LeBron James de novo, este facínora, este vândalo... Vai para o arremesso e é fatal! É fatal! Papai LeBron! LeBron, ladrão, roubou o meu coração! LeBron, ladrão, roubou o meu coração! LeBron James, the king! Em dois arremessos consecutivos, todos nós somos testemunhas de um jogo sete, que vem no domingo! Ô, é muita gasolina aditivada! Ele encontrou um frentista!²³

Desta forma, considera-se que a narração só pode se estabelecer em um meio de comunicação em que haja o predomínio da imagem, como a televisão, a internet ou os canais de *streaming*. A narração dele, com as características atuais, não se efetivaria no rádio, já que ele não diz literalmente o que aconteceu. Rômulo Mendonça quebra a função fática da linguagem, não há uma valorização do canal. Chalhub (1999) explica que a função fática está centrada no contato, no canal. O objetivo dela

²² CHALHUB. *Funções da linguagem*, p. 8.

²³ MENDONÇA. Transcrição da narração do jogo de basquete entre Boston Celtics e Cleveland Cavaliers. Temporada 2017/2018 da NBA.

é testar o canal. Por mais que o narrador diga de maneira recorrente que o público está sintonizado na ESPN, o que é uma reafirmação do canal, ele não informou, por exemplo, que após a cesta o placar estava em 107 a 96 para o time de James, faltando 1'40" para o término da partida. A função fática destaca-se em várias frentes, mas principalmente na linguagem própria de cada meio de comunicação, ou seja:

O emissor, ao codificar signos que serão o instrumento de seu trabalho, o faz no suporte físico — o canal — tendo em vista que a mensagem, assim organizada, será recebida e decodificada pelo receptor. Dessa forma, estão estruturados os elementos mínimos de um processo comunicacional, onde emissor, mensagem, receptor, canal e referente compõem um conjunto — uma linguagem. Se for pintura, os elementos estruturados, os signos organizados no suporte tela compõem uma mensagem onde os traços dessa linguagem se fazem presentes — o pincel, a tela, cores, composição em figuras, composição icônica. Entre uma pintura a guache e uma pintura a óleo a percepção do destinatário observa diferenças de sentido. É preciso lembrar que em *Understanding media* McLuhan lança um dos pilares de sua teoria sobre os meios de comunicação, *the medium is the message* — “o meio é a mensagem” —, observando que é na natureza mesma do meio de comunicação que reside o funcionamento da mensagem e que esta é determinada, no seu sentido e na percepção do receptor, pelas características do meio, ou por outra, do canal, na qual está organizada. Assim, uma pintura a guache surpreende um sentido diverso de uma pintura a óleo, apesar de ambas terem o mesmo referente. A mesma notícia veiculada pela televisão produz efeitos diferentes se informada pelo rádio.²⁴

A narração de Rômulo, bem como a de Silvio Luiz, em menor grau, complementam a imagem. Em tempo, o veterano se autodenomina um legendador de imagens. O objetivo aqui não é de desqualificar as narrações, mas de apontar quais são as suas principais características. O trecho em que o brasileiro valoriza LeBron James traz características referenciais, já que ele fala do jogador, da partida, da final da conferência, mas pela quebra de algumas redundâncias que aparecem na imagem (placar, tempo de jogo, tempo limite para o término do ataque) e não no áudio, a predominância é da função emotiva. O narrador tenta imprimir no público a empolgação que ele sente. Já em Silvio Luiz, esta quebra é menos acentuada, ela exige do público a compreensão do vocabulário que ele utiliza para definir as ações de jogo. O que, por muito tempo, se apresentou como uma das principais características de Silvio Luiz, na verdade, é um recurso, diante das insuficiências da imagem:

²⁴ CHALHUB. *Funções da linguagem*, p. 30.

Como, de há muito tempo eu não vou ao campo de futebol, para ver o jogo de lá, eu faço aqui do tubo, nem sempre a transmissão dá detalhes para você que você deveria saber. Aquilo, nada mais é, do que a muleta que eu uso. Foi, foi, foi, enquanto a câmera não me mostra quem foi, eu fico falando. Quando eu não consigo ver ou quando a imagem não me mostra, aí eu pergunto: e aí, quem é que foi? Pronto! O cara que 'tá' lá embaixo fala: foi fulano de tal!²⁵

A alteração no placar pode ser simplesmente um gol, mas pode ser também “balançou o capim no fundo do gol”. Um erro crasso pode ser criticado, ironizado ou mesmo debochado com expressões, como “pelas barbas do profeta” ou “o que é que eu vou dizer lá em casa?”.

PRIMEIROS RESULTADOS

Se partirmos da premissa de que as transmissões esportivas estão originalmente atreladas à categoria do entretenimento, podemos entender que o trabalho de locutores como Sílvio Luiz e Rômulo Mendonça, entre muitos outros, seguem o mesmo pressuposto. Estas narrações estão estruturadas no conceito de infotenimento, em função do uso acentuado do humor aliado a formas inusuais de se transmitir a informação. A proximidade entre a informação e o entretenimento tem se dado em várias frentes do fazer jornalístico. Talvez, a percepção tenha se efetivado de maneira mais rápida em conteúdos esportivos, mas ela já ultrapassou esta condição. Por mais que as narrações possam contar com mais piadas, mais informalidade e mais bordões, há também mais informação. Com o desenvolvimento da tecnologia, há uma constante avaliação do que ocorre no jogo. Os comentaristas avaliam se a decisão da equipe de arbitragem foi correta ou não, o *replay* permite um domínio melhor da situação anterior. Essas condições trazem mais informação às transmissões esportivas. Elas podem estar mais divertidas, mas, em certa medida, também estão mais informativas. A partir da transmissão televisiva, o telespectador consegue acompanhar o desenvolvimento das jogadas, o que permite ao comunicador uma narração que não seja literal, o que valoriza esta carga que mescla humor com informação.

²⁵ LUIZ *apud* FREITAS; VANDERLEI. Olho (incansável) no lance.

Outro ponto a se considerar é que os narradores escolhidos não são os únicos a conferirem às transmissões esportivas um alto grau de identidade, de aproximação com o público ou de personalização. Vários profissionais, alguns deles citados nesta breve reflexão, também recorriam ao uso de bordões nas transmissões. Mais uma vez, em caráter especulativo, o destaque de Silvio Luiz e de Rômulo Mendonça pode ser explicado por algumas características simples: o veterano está há mais de seis décadas na profissão, conseguiu fazer a transição do rádio para a televisão e tornou-se figura presente na publicidade e em games. Quanto ao contratado da ESPN Brasil, ele se apresenta como um profissional bem-informado e que é apaixonado pelos esportes que narra. Rômulo Mendonça é engraçado, mas é bem-informado. Ele sabe construir as piadas de maneira rápida, valorizando o que acontece na quadra. Em tempos de internet, agilidade é fundamental. As referências a pagodes dos anos 1990 ou o pop dos anos 2000 fazem sentido também para a geração que consome memes. Novamente, é uma especulação, mas as possibilidades são fortes.

Considera-se, desta forma, que o infotenimento é um gênero que se identifica bem ao telejornalismo esportivo e também às transmissões esportivas televisivas. Rômulo Mendonça não é apenas narrador, ele também é apresentador de programas da ESPN Brasil, valorizando sempre a dupla humor e informação. Esta prática não esvazia o conteúdo jornalístico, mas permite que ele seja mais divertido, mais atraente. Principalmente quando o assunto é esporte, e o jornalismo lida diretamente com torcedores, uma conduta estritamente objetiva pode afastar o público. O excesso de comentário, por vezes, é cansativo. Na busca de manter a audiência e de aumentar os lucros, o presente é (e o futuro será) marcado por bordões, mascotes, entretenimento, personalização, sensacionalismo, piadas e segmentação no rádio, na televisão, na internet, nos formatos impressos, nos canais de *streaming*.

* * *

REFERÊNCIAS

- BRASIL NÃO É MAIS O DEUS soberano do futebol, afirma Silvio Luiz. Agência Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3kNhobD>. Acesso em: maio 2021.
- BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- CASTILHO, Luca. Bordões eternizam os grandes locutores esportivos do rádio. Disponível em: <https://bit.ly/3DpVjHr>. Acesso em: maio 2021.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 1999.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFotainment**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. Mais do que economia e negócios: o jornalismo de infotainment no jornal Gazeta Mercantil. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 3, n. 6, p. 64-72, 2003.
- FUTEBOL DITARÁ CRESCIMENTO do *streaming* para os próximos anos. Site Marketing Esportivo. Disponível em: <https://bit.ly/3CoOBjE>. Acesso em: maio 2021.
- GOMES, Itânia. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs). **Em torno das mídias**: práticas e ambiências. Porto Alegre, Sulina, 2008.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.
- LUCCHESI, Gustavo. Em entrevista exclusiva, narrador Rômulo Mendonça fala sobre sucesso e bordões. **Folha de Pernambuco**, 07 fev. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3cllJhv>. Acesso em: maio 2021.
- MACHADO, Marcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 14, p. 1-11, 2006.
- MALAVOLTA, Luiz; LEAL, Luís Eduardo; TAGLIAFERRI, Mauro. Locutor Osmar Santos sofre acidente no interior de SP. **Folha de São Paulo**, 24 dez. 1994. Disponível em: <https://bit.ly/3Fn0Q1V>. Acesso em: maio 2021.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 39, n. 1, 2016.
- MARQUES, José Carlos. Os desafios da TV brasileira na cobertura esportiva: informação versus entretenimento. In: PESSÔA TEMER, Ana Carolina Rocha; SANTOS, Marli. **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Curitiba: Appris: 2015.

MESQUITA, Patrick. Rômulo é aclamado na web após narrar finais e vibra com crescimento da NBA. Disponível em: <https://bit.ly/3nmhjNK>. maio 2021.

O QUE A SELEÇÃO BRASILEIRA de vôlei e a banda Rouge têm em comum? Rômulo Mendonça! **Revista Veja**. Disponível em: <https://bit.ly/30yLjgs>. Acesso em: maio 2021.

FREITAS, Bruno; LIMA, Vanderlei. Olho (incansável) no lance. **Portal UOL**. Disponível em: <https://bit.ly/2YVgfXL>. Acesso em: maio 2021.

ROCCO JUNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da *Revista Placar*. **Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2014, Vila Velha. Disponível em: <https://bit.ly/3Ds8yqS>. Acesso em: maio 2021.

RÔMULO MENDONÇA VAI NARRAR FINAL DA NBA após repercutir em programa nos EUA. **UOL Esporte**. Disponível em: <https://bit.ly/3wUGbz7>. Acesso em: maio 2021.

SILVIO LUIZ CONTA ORIGEM dos bordões e dispara: “tem muito babaca aí que é metido a gênio, eu vi Pelé”. **Lance**. Disponível em: <https://bit.ly/30sphvl>. Acesso em: maio 2021.

SILVIO LUIZ. **Terceiro Tempo** [verbete]. Disponível em: <https://bit.ly/3qNxjKK>. Acesso em: maio 2021.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. ‘O time está dando o melhor de si’: aspectos do esporte na programação da televisão brasileira. In: MARQUES, José Carlos; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012. p. 285-312.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

VOLPATO, Leonardo. Narrador da ESPN, Rômulo Mendonça dá apelido até para bola e vira destaque nos EUA. **Folha de São Paulo**, 21 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3owm8TY>. Acesso em: maio 2021.

WARKEN, Júlia. Marta já tem mais gols em Copas do que Romário, Garrincha e Neymar juntos. **Cláudia**, 23 jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3HsCuFP>. Acesso em: maio 2021.

* * *

Recebido para publicação em: 31 jan. 2021.
Aprovado em: 17 nov. 2021.